

Copyright © 2007 Nina Burleigh

Mirage

Todos os direitos reservados. Impresso no Brasil. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, reproduzida ou armazenada em qualquer forma ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. sem a permissão por escrito da editora.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Dominique Makins

REVISÃO

Monalisa Neves e Marco Pace

PROJETO GRÁFICO

Tony Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burleigh, Nina

Miragem : os cientistas de Napoleão e suas descobertas no
Egito / Nina Burleigh ; tradução Rosana Telles. -- São Paulo :
Editora Landscape, 2008.

Título original: *Mirage*

ISBN 978-85-7775-072-6

1. Egíptologia - História 2. Egito - Antiguidades
3. Egito - Guerra da Segunda Coalisção - Campanhas
de 1798-1801 4. Egito - História 5. Egito - História -
Ocupação francesa, 1798-1801 I. Título.

08-09848

CDD-962.03

Índices para catálogo sistemático:

1. Egito : Século 18 : História 962.03

EDITORIA LANDSCAPE

Rua Ministro Nelson Hungria, 239 – cj 10 – Fone/Fax (11) 3758-4422
atendimento@editorialandscape.com.br
www.editorialandscape.com.br

O Instituto

Este já foi um país para ser admirado, agora deve ser estudado.

DO VERBETE "EGITO", *Encyclopédie*. (Diderot e d'Alembert)

*Oh, egípcios!¹ Disseram-lhes que eu vim para esta terra com
a intenção de erradicar sua religião, mas isso é mentira.*

*Eu, mais do que qualquer mameluco, venero a Deus,
Dou-lhe glórias, respeito seu Profeta e o sagrado Corão.*

NAPOLÊÃO BONAPARTE,

em discurso lido em árabe para o povo do Egito

Cairo, final do verão e começo do outono, 1798

Raios da luz matinal do sol penetram pela *mashrabiya*, espalhando pequenas sombras geométricas pelo chão e pelas paredes. As telas das janelas de mogno, intrinsecamente trabalhadas, são elaboradas para deixar que as raras brisas penetrem os ambientes, ao mesmo tempo que permitem às mulheres reclusas uma visão furtiva da rua. Entretanto, naquela manhã, às sete horas do dia 22 de agosto de 1798, não havia mulheres ou qualquer árabe presente. Apenas quinze cientistas franceses, já bastante suados dentro de seus casacos cheios de babados, o general Napoleão Bonaparte e seus guardas.

Pisando silenciosamente sobre os pequenos quadrados e círculos de luz e sombra ao redor de seus pés, Gaspard Monge caminha até a frente da sala. As formas são extremamente agradáveis aos olhos do geômetra. Afinal de contas, ele é o inventor da técnica matemática para calcular e representar a projeção das sombras. Talvez os ângulos perfeitos dessas sombras sejam um bom presságio para a primeira reunião do Instituto do Egito (ou *Institut d'Egypte*). No piso de baixo, fontes borbulham no interior dos pátios, extensos salões se ligam a um labirinto de cômodos frescos, e

flores alaranjadas perfumam os jardins murados. Tudo nesse complexo segue uma pacífica simetria, antítese do clamor das ruas do Cairo.

A reunião dos cientistas aconteceu no interior de um salão de pé direito alto, coberto de lápis-lazúli, decorado com divãs e cadeiras cobertos por veludos e sedas adamsadas e plantas raras em vasos². Um leve odor de gardênia e almíscar permeia o ar. Até algumas semanas atrás, quando os mamelucos fugiram com a aproximação dos franceses, aquela sala abrigava um harém, hábitat de mulheres indolentes e perfumadas e seus eunucos.

Ao chegar ao pódio improvisado, o geômetra saúda seus colegas. Como a maior parte dos membros do Instituto ainda não havia chegado ao Cairo, a reunião foi iniciada com apenas quinze participantes. Monge enaltece o memorável dia da inauguração de um corpo cujo objetivo é “incentivar a disseminação do esclarecimento e do conhecimento no Egito”. Em seguida, ele introduz o homem que tornou tudo isso possível, o general Bonaparte.

O primeiro item da agenda é eleger os líderes e, naquela sala, existe apenas um líder obviamente. Entretanto, Bonaparte declina a honra, transferindo-a a Monge. O cientista faz do general o vice-presidente. Fourier, ainda em Roseta, é eleito *in absentia* como secretário permanente do Instituto.

O “cidadão Bonaparte” se adianta e se dirige aos cientistas, humildemente agradecendo-os pela honra de ter sido feito membro e profetizando grandes vitórias para o conhecimento futuro. Em seguida, coloca as seis primeiras perguntas para o estudo do Egito. Primeira: Seria possível melhorar os fornos usados para fazer pão para os soldados? Segunda: Poderiam fabricar cerveja sem lúpulo no Egito? Terceira: Como purificar a água do Nilo? Quarta: O que seria mais prático no Cairo – moinhos de vento ou movidos a água? Quinta: Teriam condições de fabricar pólvora? Sexta: Qual a situação do estado civil egípcio em termos de leis e educação? O que querem os cidadãos?

Os cientistas presentes – matemáticos, naturalistas, astrônomos – assentem com a cabeça e concordam em começar a trabalhar imediatamente. No entanto, cada um deles está pensando em muitos outros tópicos que gostariam de estudar: miragens, para mencionar apenas um

deles, sobre as quais Monge estava preparado para ler um trabalho. Ou: Como mover um monumental busto de pedra de Isis? Como preservar um esqueleto de crocodilo? Qual a melhor maneira de dissecar múmias de pássaros? Por que o sal de amônio se forma naturalmente no deserto? Os avestruzes podem voar? Em caso negativo, por que teriam asas? O que causa a doença endêmica de olhos que cega temporariamente tanto soldados como cientistas? E qual é o sentido escondido por trás das ruínas colossais?

A primeira reunião termina bem antes do meio-dia. Os membros do recém-formado Instituto voltam às ruas onde jumentos zurram, camelos passam carregados de água, soldados franceses e, principalmente, moradores locais de todos os tipos e cores – africanos, albaneses, árabes, gregos, homens santos muçulmanos (alguns vestidos, outros nus), cegos, debilitados, fortes, belos e grotescos – se acotovelam, empurram e lutam numa síntese de sons, odores, visões e calor seco como os franceses jamais haviam vivenciado.

A*l-Qahira*. Cairo, “cidade dos vitoriosos” em árabe³. Na verdade, a cidade pode ser considerada vitoriosa por sua capacidade de rápida recuperação, a última colméia humana nos arredores de um vasto deserto, mas quando os franceses chegaram, era uma cidade misteriosa: uma metrópole labiríntica que confundia e frustrava os invasores. Encontraram uma cidade de portas, a maior parte delas fechada. Portões maciços davam para a cidade e as ruas tortuosas freqüentemente acabavam de modo abrupto em portas menores que demarcavam os limites da vizinhança ou da comunidade. Na vida urbana dos muçulmanos, os domínios público e privado eram rigorosamente separados e os franceses os cruzavam por sua conta e risco. As mulheres praticamente viviam dentro de casa, aparecendo nas ruas envoltas em véus, como costumam fazer até os dias de hoje. Entretanto, naquela época, a definição de domínio privado era mais ampla. Às vezes, vizinhanças inteiras eram muradas, acessíveis apenas por uma porta em uma rua estreita. Tais portas dificultavam o trânsito dos franceses, o que fez Napoleão cometer um de seus atos mais ofensivos aos olhos árabes quando ordenou que fossem retiradas.

Quando os franceses chegaram, o Cairo (chamado Fustat pelos primeiros invasores árabes no século VII) já era povoado há mais de mil anos e a história local, como atestado pela pirâmide de Gizé, tinha origens muito mais remotas do que os cientistas de Napoleão conheciam sobre o mundo antigo. Era uma das maiores e mais cosmopolitas cidades do mundo, cercada de areias agitadas, ruas poeirentas repletas de animais e pessoas vindas da Ásia, África e Europa. Na Idade Média, meio milhão de habitantes faziam do Cairo a maior cidade que o Ocidente já vira desde a Roma antiga. Em 1798, 250 mil pessoas viviam no Cairo e a cidade continuava a ser um próspero e independente centro de negócios. Durante vários séculos, o Cairo serviu de rota comercial entre o Oriente e o Ocidente. Enormes caravanas de mercadores de escravos, peregrinos a caminho de Meca, assim como mercadores de sedas, especiarias e ouro passavam pela cidade durante o ano todo. A língua inglesa foi enriquecida por registros de palavras árabes para as mercadorias que passavam pelo Cairo. No campo da indumentária, a palavra que usamos para *cotton* [algodão] tem origem na palavra *qutn*, gaze vem de Gaza, algodão “*dimity*” tem origem no nome da cidade portuária egípcia chamada Damietta.

↳ A primeira coisa que os viajantes que chegavam ao Cairo pelo deserto, a camelo ou a pé, viam eram as torres de centenas de minaretes se elevando da planície amarela e, à frente, a sugestão de triângulos azulados à medida que as pirâmides apareciam no horizonte. Entravam na cidade por um dos setenta e um gigantescos portões, caminhando por ruas que de um lado tinham os penhascos amarelo-claros das colinas Mokattam, antiga fonte de pedras para a construção de pirâmides. Cemitérios enormes no centro da cidade – a cidade dos mortos – cobriam centenas de acres com ruas estreitas que se emaranhavam por entre túmulos com cúpulas e minaretes contendo os restos de milhares de anos de fé muçulmana, desde as famílias de místicos do século IX até os grandes xeques. Os vivos também moravam nesse vasto quarteirão, coveiros cujo trabalho era passado de geração em geração. A muralha branca e maciça, com ameias, da cidadela, um forte militar construído

* Tecido fino de algodão, levemente transparente; *voile*. (N.T.)

pelos mamelucos na Idade Média, avultava sobre o lado leste da cidade. Entre esses marcos havia uma teia de becos e caminhos, tão estreitos que mal davam passagem a dois jumentos de cada vez, alinhados com casas e lojas tão amontoados que o brilhante sol do meio-dia mal conseguia penetrar no nível da rua.

Inicialmente, temendo os invasores franceses, os habitantes do Cairo entraram em pânico e imediatamente se renderam. Apesar de parecerem dóceis, sua submissão foi temporária. Com certeza, eles nunca se deixaram enganar com a intenção de Napoleão de aderir à fé muçulmana. Cinco vezes ao dia, dos minaretes de centenas de mesquitas, os muezins chamavam para as preces em uma língua que os franceses, com exceção de alguns tradutores no corpo civil, não eram capazes de entender. Em pouco tempo, esses lamentosos muezins se voltariam contra os ocupantes.

Uma combinação de fatores como a distribuição confusa, a estreiteza das ruas, as portas e a língua desconhecida, tornavam a cidade muito difícil de ser verdadeiramente conquistada. Cairo frustrava os europeus. Aos olhos deles, não havia lógica no planejamento urbano e o conceito de ordem parecia ser inexistente. Becos claustrofóbicos terminavam em paredes, ou minguavam em caminhos até desaparecerem. Pés humanos e patas de camelos e jumentos brigavam por espaço nessas vias poeirentas. Os jumentos conheciam a cidade melhor do que os franceses e, em pouco tempo, os conquistadores havia requisitado os humildes animais para seu uso pessoal, escarrapachando-se sobre eles de modo que suas botas se arrastavam pelo chão e tratando-os como cavalos, chicoteando as sonolentas criaturas para deixá-las mais espertas.

Alguns franceses, como Geoffroy Saint-Hilaire e Denon, se apaixonaram pelo Cairo à primeira vista, enquanto outros – muitos do exército – nunca foram capazes de enxergar seus encantos. A maior parte estava simplesmente pasmada com a justaposição de sujeira e beleza, ruínas e construção, riqueza e pobreza. Saint-Hilaire achava que os soldados detestavam o Cairo porque lá se encontravam desocupados, não tinham nada além de água para beber e mulheres veladas para cobiçar. O lixo e a sujeira também tinham alguma coisa a ver com a infelicidade deles. Montanhas de refugos, de metros de altura e centenas de anos,

circundavam a cidade. Excrementos eram empilhados dos lados das ruas. Os franceses – tanto os soldados como os acadêmicos – nunca deixavam de mencionar essas pilhas fétidas nas cartas que mandavam para casa.

Entretanto, para os árabes, os franceses é que eram rançosos. O historiador contemporâneo, Jabarti, observou que, em pouco tempo, os franceses ordenaram que as pessoas “varressem, jogassem água e limpassem as ruas do lixo, da sujeira e dos gatos mortos”. Jabarti considerou o fato irônico, pois não achava os franceses muito limpos. “Tal [ordem] foi dada apesar de as ruas e residências onde viviam os franceses continuarem cheias de terra suja e infectada misturada com penas de aves, tripas de animais e lixo. O odor rançoso de bebidas alcoólicas, urina e excremento era tão forte que as pessoas eram forçadas a tampar o nariz”²⁴.

Além do lixo e da falta de organização, os franceses recém-chegados achavam a cidade extremamente barulhenta. Jean-Jacques Marcel, orientalista e jovem diretor da máquina de impressão, ficou alojado perto de um grupo de dervixes e escreveu que, entre os gritos dos religiosos e os latidos dos cães selvagens, ele se sentia vivendo no Pandemônio de Milton. Os latidos dos cachorros incomodavam tanto Napoleão que, pouco tempo depois, ele ordenou que seus soldados exterminassem todos em uma só noite.

Os franceses – vindos de um país que havia recentemente banido a religião e proclamado o humanismo secular como um estado de fé – chegaram à cidade em meio a uma religiosidade fervente. Regularmente, o Cairo explodia em comemorações de dias santos, ou *moulads*, e os franceses mal podiam esperar para entender seus significados. No mês de agosto eram comemorados dois dos dias mais santos do país: o Festival do Nilo, que tinha raízes pagãs no Antigo Egito; e o aniversário do Profeta Maomé. Quando o Instituto realizou sua reunião inaugural, no dia 22, ocorria o Festival do Nilo.²⁵

Todos os verões, o festival começava no dia em que o rio subia ao seu nível anual de inundação, que há muito estava vinculado com o retorno da íbis sagrada. Nessa altura, os líderes religiosos ritualisticamente rompiam os diques e inundavam os canais da cidade, transformando-a, durante um mês, em uma Veneza africana. As pessoas faziam piqueniques às margens das águas e, durante toda a noite, celebravam nas ruas

iluminadas. A elegante praça Ezbekiyah (onde Napoleão requisitara para si um dos palácios dos mamelucos), próxima ao centro da cidade, se transformava em um imenso lago durante a inundação. Barcos iluminados apareciam e as pessoas lançavam balas e moedas para crianças e pobres que ficavam nas margens.

O Festival do Nilo era seguido, alguns dias depois, pelo aniversário do Profeta, ocasião para uma festa pública ainda maior, com gladiadores, macacos adestrados, ursos bailarinos, poetas de rua, dervixes e homens santos nus dançando danças arrebatadoras. Napoleão aproveitou a oportunidade do festival para conquistar a mente e o coração dos egípcios, investindo dinheiro nas celebrações, criando, com isso, uma imagem dos franceses de verdadeiros muçulmanos. “Habitantes do Egito!”⁵, começava sua primeira proclamação, “Os franceses adoram o Ser Supremo e honram o Profeta e o Sagrado Coráo! Os franceses são verdadeiros muçulmanos. Há pouco tempo, eles marcharam até Roma e derrubaram o Papa, que incitava os cristãos contra os mestres do islamismo”. Napoleão assinava os documentos oficiais como “Bonaparte, Membro do Instituto Nacional, Comandante-em-Chefe”.

Os *sábios* restantes chegaram ao Cairo no momento em que a celebração alcançava seu auge. Muitos deles, como Étienne Malus, engenheiro e membro do Instituto, ficaram literalmente pasmados com o que viram. “Cheguei às onze horas da noite. Todas as ruas estavam iluminadas. Em lugares públicos, as pessoas se alinhavam em círculos, gritando repetidamente, caindo, cuspindo e atingindo extremos de desespero e fadiga. Esses eram os homens santos do país. A vida deles é um êxtase contínuo, tudo lhes é permitido. Muitos andam nus pelas ruas como macacos. Vivem de caridade”⁶.

Na noite seguinte à inauguração do Instituto, alguns dos acadêmicos se juntaram à multidão que festejava o nascimento de Maomé na praça Ezbekiyah. Os militares franceses participaram com tiros de canhão, com o objetivo, de acordo com Jomard, “de provar aos habitantes que, longe de quererem aniquilar sua cultura, queriam participar dela”⁷. Jomard não pensou em perguntar se os egípcios consideraram os tiros de canhão festivos ou ameaçadores. Alguns egípcios comemoravam a presença dos franceses servindo-lhes arroz tricolor durante o festival⁸.

Monge e Berthollet haviam chegado ao Cairo mais cedo com a intenção de encontrar o prédio ideal para abrigar os membros da Comissão Científica e seus laboratórios, instrumentos e coleções. Visitaram muitas das fantásticas mansões da cidade que haviam sido abandonadas pelos guerreiros mamelucos que, caso tivessem sobrevivido à Batalha das Pirâmides, haviam se refugiado no deserto. Apesar de abandonadas, muitas dessas mansões ainda abrigavam haréns e eunucos. Os cientistas queriam um complexo grande o suficiente para acomodar a biblioteca, um museu, laboratórios de física e química, um observatório, uma sala para reuniões e palestras, uma impressora e um zoológico. Ou seja, um lugar que não poderia ser menor do que um palácio.

Protegidos por muros e distantes do mau cheiro e do alarido, havia no Cairo bolsões de luxúria – esplendor mameluco – que os franceses localizavam e requisitavam para si. Napoleão ocupou um palácio na elegante praça Ezbekiyah e seus oficiais foram igualmente bem acomodados em outras mansões recentemente abandonadas pelos mamelucos. Os militares e civis simplesmente se apoderaram das casas dos egípcios de classe mais alta.

Depois de alguns dias realizando o levantamento da cidade em lombo de jumento – o tipo preferido de transporte no Cairo onde, antes do século XVII, a roda não havia sido muito usada –, os dois cientistas encontraram o imóvel de seus sonhos. Um complexo de palácios vazios e contíguos construídos por mamelucos ricos com dormitórios luxuosos, enormes salas para refeições e um jardim murado que cobria trinta *arpents* franceses, sendo que o *arpent* equivalia ao acre. O palácio ficava a mais de uma milha de distância do quartel-general de Napoleão, um problema que adquiria importância apenas quando os cientistas precisassem de proteção – o que acabou acontecendo mais cedo do que os franceses esperavam.

Tendo chegado mais cedo de Roseta, Geoffroy Saint-Hilaire também participou desses arranjos iniciais. O jovem zoólogo ficou extasiado com a escolha das casas e se mostrou fascinado pelo Cairo: “No Cairo, as coisas são ainda melhores do que em Roseta”, ele disse ao amigo, o pintor de história natural Henri-Joseph Redouté, que ainda se encontrava em Alexandria. “Nossa vida já melhorou consideravelmente. Alojamentos

magníficos; jardins imensos e lindamente planejados; água abundante e florida murmurando suavemente em todos os cantos; uma imensidão de espécies diferentes de árvores com sombra voluptuosa; a companhia de todos os generais e, principalmente, do general-em-chefe.” Em termos de magnificência, ele comparou o palácio requisitado e seu mobiliário ao Louvre. A única coisa que faltava era um criado competente que pudesse cuidar dos cavalos e preparar suas refeições. Pediu a Redouté que lhe encontrasse um e que fosse ao Cairo o mais breve possível, pois os cômodos estavam sendo distribuídos e os primeiros que chegaram já haviam escolhido os melhores.

Ao seu pai, Geoffroy Saint-Hilaire escreveu que até mesmo a visão de soldados franceses andando de jumento com suas compridas pernas varrendo os vales poeirentos o encantava: “E muito engraçado ver todos os tipos de franceses se encontrando enquanto andam de jumento”¹⁰, acrescentando que, enquanto era fácil controlar os jumentos, a reação dos humanos locais quanto aos invasores franceses era uma história bem diferente: “Os homens parecem indiferentes, mas as mulheres sentem medo e vivem gritando que os franceses as querem forçar a mudar de religião. No entanto, as mulheres estão começando a se acalmar.”

Poucos dias depois, Saint-Hilaire já coletava animais curiosos da região – avestruzes, pássaros, cobras –, abandonados nas residências dos mamelucos, levando-os para seu jardim zoológico. Já construía um aviário e protestara veementemente quando um criado egípcio comeu um de seus pássaros raros sem perceber o que fazia. Em suas cartas para casa, ele se gabava de que, em pouco tempo, a coleção de animais do Instituto Egípcio estaria mais estabelecida do que a do *Jardin des Plantes*.¹¹

Do lado de fora do Instituto, *Al-Qahira*, a cidade caótica fora organizada de tal forma que os acadêmicos e militares franceses levaram meses para compreender¹¹. A água, por exemplo, era trazida diariamente do Nilo para a cidade em lombo de jumentos e camelos que, juntos, eram supervisionados por uma associação. Outra organização supervisionava os jumentos que serviam de táxi. Profissionais responsáveis pela limpeza varriam e umedeciam as ruas, apesar de muitos deles haverem abandonado a cidade na época da invasão, deixando-a sem ninguém para realizar esse ou qualquer outro tipo de trabalho essencial.

Uma associação de acendedores de lâmpadas acendia os postes das ruas todas as noites. Quando os franceses chegaram, a prestação desses serviços básicos foi interrompida e a administração francesa teve trabalho para entender como tudo funcionava e para fazer com que voltasse a funcionar.

Grande parte dos serviços civis da cidade pertencia e era administrada por fundações religiosas chamadas *aqwaf*, e os juízes que tinham a palavra final quanto às leis e a ordem eram os *ulema*, ou xeques, cuja autoridade era baseada na tradição islâmica. As fundações religiosas operavam os *sabils*, ou fontes públicas de água – estruturas elegantes e redondas entalhadas com caligrafia e adornadas por colunas de mármore. Os *sabils* abrigavam cisternas ao nível da rua, além de escolas religiosas para órfãos no segundo piso. Em uma cidade sem água encanada, essas fontes públicas permitiam a continuidade da vida e seu uso religioso e secular fazia todo o sentido.

Para os árabes, que conheciam sua cultura e sua história com intimidade, o Cairo era a linda “mãe das cidades”, nas palavras de um autor árabe do século XIV. O acadêmico Ibn Khaldun chamou o Cairo de “a metrópole do universo, jardim do mundo, agitado centro da espécie humana, uma cidade embelezada por castelos e palácios, enfeitada por conventos e faculdades, iluminada pela lua e pelas estrelas do conhecimento”¹². Os acadêmicos franceses não tardaram a aprender a procurar as serenas surpresas da cidade, os jardins escondidos perfumados por flores de limoeiros e laranjeiras, sombreados por vinhas, acácias e murtas, bananeiras gigantes, árvores de romãs e amoreiras.

Mesmo as ruas mais confusas eram parte de um grande plano que refletia um tipo de pensamento completamente diferente da noção européia de desenho urbano. O romancista egípcio contemporâneo Gamal al-Ghitani escreveu que as infundáveis curvas das ruas têm um objetivo psicológico. Ele acredita que os arquitetos as tenham planejado de propósito para criar *wa'ad al-bisul* – “promessas de chegada”¹³. Dessa perspectiva, uma rua que faz uma curva para o lado, momentaneamente proporciona ao caminhante cansado uma sensação de alívio, de estar em algum lugar, coisa que ele não seria capaz de vivenciar caso estivesse caminhando por uma rua longa e sem curvas.

Uma associação de acendedores de lâmpadas acendia os postes das ruas todas as noites. Quando os franceses chegaram, a prestação desses serviços básicos foi interrompida e a administração francesa teve trabalho para entender como tudo funcionava e para fazer com que voltasse a funcionar.

Grande parte dos serviços civis da cidade pertencia e era administrada por fundações religiosas chamadas *aqwaf*, e os juízes que tinham a palavra final quanto às leis e a ordem eram os *ulema*, ou xeques, cuja autoridade era baseada na tradição islâmica. As fundações religiosas operavam os *sabils*, ou fontes públicas de água – estruturas elegantes e redondas entalhadas com caligrafia e adornadas por colunas de mármore. Os *sabils* abrigavam cisternas ao nível da rua, além de escolas religiosas para órfãos no segundo piso. Em uma cidade sem água encanada, essas fontes públicas permitiam a continuidade da vida e seu uso religioso e secular fazia todo o sentido.

Para os árabes, que conheciam sua cultura e sua história com intimidade, o Cairo era a linda “mãe das cidades”, nas palavras de um autor árabe do século XIV. O acadêmico Ibn Khaldun chamou o Cairo de “a metrópole do universo, jardim do mundo, agitado centro da espécie humana, uma cidade embelezada por castelos e palácios, enfeitada por conventos e faculdades, iluminada pela lua e pelas estrelas do conhecimento”¹². Os acadêmicos franceses não tardaram a aprender a procurar as serenas surpresas da cidade, os jardins escondidos perfumados por flores de limoeiros e laranjeiras, sombreados por vinhas, acácias e murtas, bananeiras gigantes, árvores de romãs e amoreiras.

Mesmo as ruas mais confusas eram parte de um grande plano que refletia um tipo de pensamento completamente diferente da noção européia de desenho urbano. O romancista egípcio contemporâneo Gamal al-Ghitani escreveu que as infindáveis curvas das ruas têm um objetivo psicológico. Ele acredita que os arquitetos as tenham planejado de propósito para criar *wa'ad al bisul* – “promessas de chegada”¹³. Dessa perspectiva, uma rua que faz uma curva para o lado, momentaneamente proporciona ao caminhante cansado uma sensação de alívio, de estar em algum lugar, coisa que ele não seria capaz de vivenciar caso estivesse caminhando por uma rua longa e sem curvas.

Como Paris, o Cairo de 1798 tinha uma fervilhante cultura dos cafés. Os acadêmicos franceses contaram 1.350 cafés na cidade. Do lado de fora desses estabelecimentos, nas ruas, poetas profissionais, que usavam junco nas cabeças para identificar sua profissão, recitavam versos improvisados. Ao contrário dos cafés parisienses, e para tristeza dos franceses, os cafés do Cairo não serviam vinho, pois os habitantes locais não consumiam álcool ou tabaco, mas usavam suas drogas favoritas desde muito antes de os franceses chegarem. Uma associação especial vendia haxixe com mel, e os cafés vendiam ópio. Em seus relatórios sobre os hábitos dos egípcios modernos, os acadêmicos estimaram que as pessoas mais pobres consumiam drogas o tempo todo, tanto em casa como no trabalho.

Com a chegada dos franceses, vários vendedores ao estilo europeu apareceram de repente. O Cairo abrigava uma grande população étnica composta de albaneses, gregos e escravos muçulmanos dos arredores europeus do Império Otomano. Esses empreendedores sabiam exatamente do que os saudosos franceses mais sentiam falta. E montaram lojinhas para alimentar todos os vícios dos franceses, oferecendo tabaco, vinho e mulheres. O palácio de prazeres mais extravagante foi aberto em novembro de 1798, uma versão egípcia do jardim Tivoli, um parque com música e alimentos para o entretenimento exclusivo dos franceses. Foi ali que Napoleão viu pela primeira vez a atraente esposa de um dos tenentes franceses que ele acabaria transformando em sua amante no Cairo. Napoleão pôde mandar o marido de sua nova amante de volta à França porque, apesar de os franceses não terem mais uma esquadra à sua disposição, navios mercantes ainda transitavam entre o Egito e a Europa e, mediante pagamento de passagem, os franceses podiam utilizá-los. Como Dolomieu e Dumas, entre outros, acabaram por descobrir, nem sempre eles chegavam ao destino em segurança ou no tempo determinado.

Alguns meses depois de iniciada sua campanha no Egito, apesar de ainda estar casado com Joséphine, Napoleão ficou sabendo, por meio de cartas de sua família, que, em Paris, ela não se mantinha fiel a ele. Após um período de grande consternação, no qual ele puxou os cabelos, passou horas melancólico em sua tenda e disse aos seus companheiros

Como Paris, o Cairo de 1798 tinha uma fervilhante cultura dos cafés. Os acadêmicos franceses contaram 1.350 cafés na cidade. Do lado de fora desses estabelecimentos, nas ruas, poetas profissionais, que usavam junco nas cabeças para identificar sua profissão, recitavam versos improvisados. Ao contrário dos cafés parisienses, e para tristeza dos franceses, os cafés do Cairo não serviam vinho, pois os habitantes locais não consumiam álcool ou tabaco, mas usavam suas drogas favoritas desde muito antes de os franceses chegarem. Uma associação especial vendia haxixe com mel, e os cafés vendiam ópio. Em seus relatórios sobre os hábitos dos egípcios modernos, os acadêmicos estimaram que as pessoas mais pobres consumiam drogas o tempo todo, tanto em casa como no trabalho.

Com a chegada dos franceses, vários vendedores ao estilo europeu apareceram de repente. O Cairo abrigava uma grande população étnica composta de albaneses, gregos e escravos muçulmanos dos arredores europeus do Império Otomano. Esses empreendedores sabiam exatamente do que os saudosos franceses mais sentiam falta. E montaram lojinhas para alimentar todos os vícios dos franceses, oferecendo tabaco, vinho e mulheres. O palácio de prazeres mais extravagante foi aberto em novembro de 1798, uma versão egípcia do jardim Tivoli, um parque com música e alimentos para o entretenimento exclusivo dos franceses. Foi ali que Napoleão viu pela primeira vez a atraente esposa de um dos tenentes franceses que ele acabaria transformando em sua amante no Cairo. Napoleão pôde mandar o marido de sua nova amante de volta à França porque, apesar de os franceses não terem mais uma esquadra à sua disposição, navios mercantes ainda transitavam entre o Egito e a Europa e, mediante pagamento de passagem, os franceses podiam utilizá-los. Como Dolomieu e Dumas, entre outros, acabaram por descobrir, nem sempre eles chegavam ao destino em segurança ou no tempo determinado.

Alguns meses depois de iniciada sua campanha no Egito, apesar de ainda estar casado com Joséphine, Napoleão ficou sabendo, por meio de cartas de sua família, que, em Paris, ela não se mantinha fiel a ele. Após um período de grande consternação, no qual ele puxou os cabelos, passou horas melancólico em sua tenda e disse aos seus companheiros

alarmados com sua conduta que nunca se recuperaria dessa desilusão, ele tomou para si a mulher de um tenente chamada Pauline Fourès. Madame Fourès era uma intrépida sedutora conhecida como “Bellilotte”, um apelido derivado de seu sobrenome de solteira, Bellisle. Usando algum tipo de pretexto, Napoleão convenientemente despachou o marido dela de volta à França, alojando-a em uma mansão ao lado de seu palácio na praça Ezbekiyah. Coberta de favores, a Bellilotte de pele clara ganhou o apelido de Cleópatra, nome pelo qual foi chamada até o final da campanha. Retornou à França em 1800, voltou a se casar (havia se divorciado do tenente quando ainda se encontrava no Egito) e foi para o Brasil viver uma vida longa e divertida, onde chegou a escrever um romance e se tornou próspera comerciante. Quando velha, voltou a Paris levando uma coleção de macacos e papagaios que viviam com ela em seu apartamento. Morreu em 1869, soterrada na construção do Canal de Suez.

Por volta de setembro, muitos dos cientistas e artistas já haviam chegado ao Cairo e os negócios do Instituto iam de vento em popa. O documento que oficializava a fundação do Instituto enfatizava três objetivos, numa ordem que agradava aos cientistas. O estudo e o conhecimento precediam as necessidades mais rotineiras do governo. Os três objetivos oficiais eram: (1) “O avanço e a propagação do conhecimento no Egito; (2) “A pesquisa, estudo e publicações de fenômenos industriais, históricos e naturais no Egito”; (3) “Oferecer sua opinião em diferentes assuntos nos quais deverá ser consultado pelo governo” //

Os acadêmicos haviam se apossado de três mansões contínuas dos mamelucos e agora se encontravam luxuosamente alojados. Savigny e Geoffroy Saint-Hilaire, ao lado de alguns outros *sábios*, dividiam um suntuoso palácio de ladrilhos, onde todas as noites iam dormir ao som de uma fonte no pátio interno. No jardim do prédio principal do complexo, os cientistas construíram um relógio solar gigantesco com a inscrição “LAN VII RF” (que significa, ano sete do calendário revolucionário da República Francesa).

Foi ali que os cientistas começaram a organizar seu Instituto e seus escritórios. Apesar de grande parte de seu equipamento encontrar-se,

naquele momento, no fundo do Mar Mediterrâneo, eles foram capazes – com a ajuda de Conté – de repor parte do que fora perdido. Além de uma enorme biblioteca montada com seus acervos privados, instalaram laboratórios de física e química, um observatório, uma sala para exibição de espécimes de história natural e um pequeno centro de oficinas, onde Conté e seus funcionários trabalhavam. Por entre os prédios e jardins, o aviário e zoológico de Geoffroy Saint-Hilaire (com macacos barulhentos, além de um mangusto egípcio, gazelas e cobras) foram reunidos em um pequeno museu arqueológico que mais tarde abrigou várias descobertas francesas, inclusive a Pedra de Roseta.

O Instituto foi modelado com base no prestigioso Instituto da França, em Paris, e era bastante elitista pois, mesmo que todos os civis e militares fossem convidados para participar das reuniões e contribuir com relatórios, contava com apenas cinquenta e um membros eleitos, os quais eram divididos em quatro áreas, duas delas científicas (Matemática e Física) e duas de humanidades (Artes e Letras e Economia e Política).

Os que não eram membros podiam submeter relatórios – e o faziam – sobre qualquer assunto, desde a flora e a fauna até práticas e superstições, mitos e curiosidades egípcias. Apesar de não serem eleitos como membros do Instituto, os estudantes faziam parte da comunidade científica. Um deles, o jovem botânico Ernest Coquebert de Montbret, acabou se tornando bibliotecário do Instituto, posto que ocupou até sua morte, ao final da expedição.

Mesmo trabalhando em suas áreas, os *sábios* tentaram atender às necessidades mais práticas de Napoleão. Na quinta reunião, eles reportaram que alguns materiais egípcios, inclusive o junco, eram melhores que a madeira para esquentar fornos. Estudaram a possibilidade de cultivar uvas para o fabrico de vinho e compararam o trigo francês com o egípcio. Desgenettes conduziu um estudo sobre os hospitais. Monge e Berthollet ficaram responsáveis pela cunhagem de moedas e faziam parte de uma comissão cujo objetivo era extrair dinheiro de habitantes locais abonados. Fourier foi designado para imprimir o primeiro jornal egípcio, *Le Courier d'Égypte*. Na décima reunião, Napoleão apresentou uma segunda lista de perguntas para sua enciclopédia humana. Suas exigências incluíam estudar o nilômetro (um mecanismo egípcio antigo

para medir os níveis do Nilo), como transportar água para a cidade onde os militares estavam aquartelados, a possibilidade de se construir um observatório astronômico (que acabou sendo feito), e um estudo sobre os aquedutos.

Além disso, os acadêmicos tentavam alcançar o propósito do Instituto de “trazer conhecimento ao Egito” – com resultados paradoxais. Apenas alguns egípcios, os da classe alta, falavam francês. Toda a comunidade era bem-vinda às palestras públicas sobre química, eletricidade, botânica, morfologia e outros assuntos pertencentes aos campos específicos dos *sábios*. Uma reação típica foi a de um teólogo que, depois de ouvir Geoffroy Saint-Hilaire descrever os peixes do Nilo, se levantou e anunciou que a pesquisa era pura vaidade, pois o Profeta havia declarado que Deus havia criado 30 mil espécies, sendo que 10 mil delas viviam na terra e 20 mil na água.

Apesar de estarem literalmente presos no Egito, a maior parte dos membros da Comissão se mostrou otimista durante suas primeiras semanas no Cairo. Achavam que tinham criado uma “cidade científica”. Cairo era muito distante de Paris, caótica e muitos homens haviam sofrido por causa da diarreia, das febres e da saudade de casa, mas o clima era estranhamente propício ao trabalho intelectual. Geoffroy Saint-Hilaire sentia-se enlevado ao comparar os perfumados jardins do Instituto com os do *Jardin des Plantes*, enquanto afirmava viver num “*foyer des lumières*” (morada do conhecimento). “Aqui, mais uma vez encontro homens que não pensam em nada além da ciência. Vivo no centro do cintilante cerne da Razão”¹⁴, escreveu ao seu pai, em outubro. “Com entusiasmo, nos ocupamos das perguntas de interesse do governo e com as ciências às quais nos devotamos por livre escolha.”

Geoffroy Saint-Hilaire não era o único vivendo aquela sensação. “Do outro lado do palácio, temos o vasto jardim do bei Kassim (um proeminente mameluco foragido) para caminhar durante a noite, além das conversas interessantes de Fourier”, escreveu Jomard. “A beleza do céu, o perfume das laranjas, a temperatura suave, tudo contribui para que esses encontros sejam agradáveis, muitas vezes prolongando-se até tarde da noite. É o nosso Jardim dos Acadêmicos. Maiores pensamentos, mais filosofia verdadeira, mais descobertas científicas estão nascendo,

e nós nos gabamos de estarmos criando a fundação de uma nova escola em Alexandria que um dia obscurecerá a antiga.”

Jomard elogiou também os salões para depois do jantar, que ele considerava especialmente estimulantes. “Além das sessões regulares do Instituto, reuniões informais de quarenta ou cinquenta pessoas aconteciam todas as noites no jardim do Instituto”¹⁵, ele escreveu. “Falavam de seus projetos de viagem, sobre as descobertas que haviam realizado e sobre uma variedade de especulações fascinantes relacionadas à geografia do Egito, ao Antigo Egito, ao governo do país e os costumes do povo.”

Uma das razões para aquela sensação de entusiasmo intelectual era a natureza heterogênea da comunidade científica. Naquela época, a ciência era muito menos especializada do que hoje, e ainda não existiam departamentos altamente especializados nos diferentes campos de estudo. Em Paris, no entanto, havia limites entre os campos gerais. Por exemplo, químicos não deviam teorizar sobre zoologia, botânicos não eram versados em teoria matemática. A ciência parisiense também aderiu aos padrões rigorosos da prova e da teoria. No Cairo, os limites entre os campos de estudo se confundiram e o rigor parisiense amainou. Nos jardins do Instituto, arquitetos discutiam com naturalistas sobre animais e estruturas antigas; físicos e astrônomos debatiam com geógrafos a respeito do significado da escrita hieroglífica, ou sobre a idade da cultura antiga. As conversas entre homens instruídos expressavam os mais altos ideais do Iluminismo. O efeito causado entre os participantes mais jovens era o de estarem embarcando em um emocionante exercício intelectual sem fronteiras.//

A presença freqüente de Napoleão aumentava a excitação. “Devo muitas graças à Providência, por todas as bênçãos que recebi”¹⁶, escreveu Geoffroy Saint-Hilaire, com entusiasmo em uma carta para casa. “Aqui, tenho mais influência do que em Paris e tenho o privilégio de freqüentemente estar com nosso ilustre líder e com ele fazer muitas refeições. Suas ações fizeram com que fosse, com justiça, aclamado o homem do século; suas conversas íntimas me ensinaram que ele é o melhor dos homens.”

Nesses primeiros meses de Cairo, um eclético espírito de inquirição animava as reuniões do Instituto. Cientistas liam relatórios sobre os ciclos lunares, música egípcia e as propriedades físicas de múmias

recentemente escavadas e dissecadas. No dia 12 de setembro, os cientistas presentes à reunião discutiram, por exemplo, a maneira de se assar pão no Egito, uma série de equações algébricas, a criação de um jornal, a tradução de um livro árabe e o relatório do chefe da equipe médica, René Desgenette sobre as doenças endêmicas do Egito, inclusive a disenteria e a oftalmia.

Havia, naturalmente, o problema bastante relevante de que esse “cintilante cerne da Razão” estava completamente fora do alcance da civilização ocidental. Concebido nos mesmos moldes, o Instituto Egípcio deveria fazer parceria com o Instituto Francês, em Paris. Os *sábios* endereçavam seus relatórios à academia-mãe, mas, em pouco tempo, tal gesto tornou-se apenas simbólico. De vez em quando, os cientistas conseguiam mandar alguns textos para a França, mas, depois da destruição da esquadra e com os ingleses no controle dos mares, Paris e Cairo raramente se comunicavam. Os ingleses passaram a interceptar a maior parte da correspondência francesa que, em seguida, publicavam com anotações sarcásticas. Com o tempo, a falta de comunicação com a pátria abalou sensivelmente o moral dos franceses. Os ingleses não tardaram a elaborar uma campanha eficaz de propaganda disseminando, por toda a Europa, textos de cartas escritas por franceses solitários e saudosos no Egito.

Antes que os ingleses cortassem completamente toda a correspondência entre a França e o Egito, algumas cartas de instrução chegaram do Instituto em Paris. Em uma delas, o astrônomo Pierre-Simon de Laplace pedia aos seus colegas no Egito que executassem certas observações astronômicas. A maioria das cartas vindas de Paris, no entanto, nunca chegou e o Instituto ficou por sua própria conta.

A correspondência pessoal dos *sábios* recolhida pelos ingleses constituía uma grande fonte de entretenimento para o inimigo. O sátiro James Gillray desenhou cartuns de acadêmicos franceses infelizes sendo perseguidos por crocodilos, ou presos por árabes e turcos furiosos no topo do Pilar de Pompeu, com instrumentos e cadernos de anotações voando pelos ares. Entretanto, como os franceses viriam descobrir, com descontentamento, alguns anos mais tarde, antiquários ingleses como o William Hamilton se mostravam altamente interessados nas atividades dos acadêmicos.

O Instituto prosseguiu com seu trabalho, ingenuamente inconsciente da imagem risível que projetava na Europa. Quando sua máquina de imprimir passou a funcionar, produziu publicações que mantinham tanto acadêmicos como soldados informados sobre os trabalhos realizados no Instituto e no resto do Egito. A cada dez dias, a revista *La Décade Egyptienne* era publicada com uma seleção dos relatórios lidos durante as reuniões do Instituto. Um jornal, o *Le Courier*, publicado com maior frequência, informava sobre as novidades e fofocas no Egito (um artigo específico falava sobre uma caravana de mil núbios chegando ao Cairo e sobre a recente batalha contra os mamelucos no Alto Egito) e, sempre que possível, notícias sobre a Europa.

Essas duas publicações são históricas porque, além dos decretos iniciais emitidos por Napoleão, foram os primeiros documentos impressos no Egito. Acreditando que os manuscritos deveriam ser transmitidos pela escrita de mão e analisados individualmente para preservar seu poder e integridade, os líderes religiosos mamelucos haviam controlado rapidamente a informação e proibido o uso de impressoras¹⁷.

O Instituto mantinha volumosas atas de suas reuniões, mas tais registros desapareceram na França por volta do início do século XIX. Entretanto, a revista *La Décade* conseguiu sobreviver. Esses documentos mostram que o Instituto constantemente revisava seus padrões científicos de prova e que, algumas vezes, se deixava levar pelo que podemos chamar de ciência popular. Tanto membros como não-membros liam relatórios sobre suas viagens para além do Cairo com descrições informais sobre avestruzes, cavalos árabes, a mosca egípcia, o limão do Nilo, estudos topográficos, traduções de poesia árabe, sobre os poderes curativos do óleo de oliva contra as vítimas da praga e, mais tarde, as observações de Geoffroy Saint-Hilaire sobre “filosofia anatômica”.

As reuniões poderiam se tornar animadas, para não dizer esotéricas. No outono de 1798, os cientistas se envolveram em um debate que durou três horas – iniciado por Geoffroy Saint-Hilaire – sobre a possibilidade de um avestruz voar. No Egito, os avestruzes eram ubíquos e tantos soldados resolveram se dedicar à caça da ave que, poucos meses depois da invasão, era raro não ver um soldado que não ostentasse elegantes penas em seu chapéu. Por coincidência, havia um oficial francês presente

à longa discussão no Instituto. O relato ultrajado feito por ele aos colegas sobre a trivialidade dos interesses dos acadêmicos – ao debater o propósito das asas do pássaro gigante! – aumentou ainda mais o ressentimento que os soldados nutriam contra os cientistas.

No calor e na poeira do Cairo, as relações entre soldados e acadêmicos nunca melhoraram. Os soldados apelidaram os abundantes jumentos da cidade de “*demi-sábios*” como referência a uma história que, durante uma batalha acontecida, Napoleão ordenara que seus soldados formassem quadrados com “jumentos e *sábios* no centro” por medida de proteção. “Para acalmar o ciúme dos soldados, Bonaparte teria abertamente zombado dos *sábios*”¹⁸, de acordo com o que o estudante de engenharia Jollois mais tarde escreveria em seu diário, acrescentando a anedota: “Eles chegam a lembrar mulheres, não acha?”, disse Napoleão a Desgenettes [oficial médico-chefe], ‘General, com as mulheres temos a chance de nos divertir um pouco mais!’, respondeu Desgenettes. ‘Mas eu me referia aos seus cochichos, rivalidades e pretensão’.”

Os cientistas eram basicamente inacessíveis à chacota dos soldados. Protegidos, mimados e alimentados pelo senso de descoberta, confiantes da importância de seu trabalho, os acadêmicos eram realmente os favoritos do general. Em uma carta enviada a Cuvier sobre seu plano de regularmente enviar relatórios do Instituto a Paris, Geoffroy Saint-Hilaire escreveu: “Asseguro-lhe que essas reuniões são tão interessantes quanto as do Instituto da França.”

Fora das paredes do Instituto, apesar de seu empenho, Napoleão não estava sendo muito bem-sucedido em ganhar a simpatia dos egípcios. Colocava a si e aos seus soldados como libertadores, mas, infelizmente, a diferença cultural e religiosa estava se mostrando muito mais intensa do que pudesse sobrepor a sua retórica. Os árabes preferiam seus chefes mamelucos aos invasores europeus. A derrota do Papa por Napoleão também não os conseguiu impressionar. No mundo muçulmano, cristãos infiéis estavam hierarquicamente mais bem posicionados que ateus.

Napoleão realizara algumas incursões com líderes egípcios com quem havia concordado (sem dúvida, motivados por uma declaração que ameaçava “queimar as aldeias”, fato que não contribuiu para a simpatia

com relação aos franceses). As maiores autoridades sobre a vida civil dos mamelucos no Cairo eram os professores religiosos e os juristas, chamados *ulema*. Esses xeques da lei eram responsáveis por “incentivar o bem e perseguirem o mal”, e Napoleão os transformou na primeira assembléia representativa do Oriente Médio.

“No início de setembro, Napoleão criou um Divan”¹⁹ Geral, formado por deputados de cada região, inclusive xeques da lei, mercadores, beduínos e camponeses. Monge e Berthollet participavam como seus comissários franceses e o grupo se reunia apenas uma vez por ano durante duas semanas no início de outubro e regularmente durante a ocupação. Napoleão pediu ao Divan que discutisse a melhor maneira de organizar o Egito, inclusive assuntos relacionados às assembléias provinciais, um sistema de justiça criminal e os possíveis desenvolvimentos que poderiam ser realizados na atual estrutura tributária e na posse de propriedades.

O momento era propício para reformas. O Egito ainda tinha uma estrutura feudal, mas os mamelucos proprietários de terras (para quem noventa por cento dos egípcios trabalhavam) estavam em fuga, e os socialistas, dentre os conselheiros de Napoleão, recomendavam total redistribuição de riquezas, em que cada camponês receberia um pedaço de terra. Outros conselheiros, mais conservadores, eram a favor de manter intacto o antigo sistema feudal, requisitando terras para os franceses. No final, nenhuma reforma foi oficialmente levada ao Divan.

A experiência do Divan não atendeu ao objetivo de levar, em 1798, a democracia aos egípcios. O grupo, que incluía o acadêmico e cronista Jabarti, precisou ser ensinado a eleger um presidente, pois nenhum deles havia votado antes. Após duas semanas de deliberações, o grupo recomendou que nada fosse mudado no estilo de vida existente. Apesar disso, o Divan continuou a se reunir durante a ocupação e serviu como instrumento de comunicação entre os líderes franceses e o povo egípcio – basicamente apresentando novidades sobre o aumento da carga tributária.

* “Divan”, o “parlamento” do Império Otomano, que deliberava sobre as políticas governamentais. Ver nota sobre *Porte Sublime*, capítulo 2. (N.T.)

Napoleão também tentou a sorte com alguns líderes religiosos, na esperança de, como ele mesmo disse, “aplar o fanatismo antes que possamos erradicá-lo”. Para alcançar esse objetivo, disse aos teólogos que ele e seu exército queriam se tornar muçulmanos. O plano foi por água abaixo quando os líderes religiosos exigiram a circuncisão e a abstenção de álcool.

A conversão de Napoleão estava mais propensa a divertir ou ofender os egípcios do que a ganhar sua simpatia. Em pelo menos uma ocasião, ele se vestiu à moda turca – pantalonas e turbantes²⁰ – mas seus conselheiros o acharam tão ridículo que chegaram a implorar que vestisse suas próprias roupas antes de sair de casa. Mais tarde, Napoleão negou ter usado a roupa, mesmo tendo insistido que ficaria feliz em se converter à religião do Profeta e usar um turbante – e ordenou que sua tropa fizesse o mesmo, caso fosse politicamente necessário. “Vamos deixar que digam que a conquista de toda a Ásia não vale ter que usar turbante e umas pantalonas?”²¹.

Napoleão sempre se sentia orgulhoso de seu fraudulento gambito religioso mesmo que, no máximo, servisse para deixar os árabes boquiabertos. Ele nunca se arrependeu. “Trata-se de charlatanismo, mas charlatanismo de alto nível”²², ele se gabou, mais tarde. “Mudar de religião por interesses próprios é algo inadmissível. Mas pode ser perdoado caso envolva resultados políticos importantes.”

O general ganhou alguns admiradores, especialmente entre os egípcios menos favorecidos, que o chamavam de *Sultão Kebir*, ou o Grande Líder. No Egito, mais do que em qualquer outra época em sua carreira, Napoleão se sentiu mais próximo do que achava ser seu verdadeiro destino como líder militar e espiritual. Sentia-se especialmente feliz quando tinha a oportunidade de adotar uma postura de sabedoria extrema. Anos mais tarde, ele contou aos seus cortesãos a lembrança de seu incidente favorito. Ao visitar uma pequena aldeia, ficou sabendo que os beduínos haviam assassinado um camponês inocente. Publicamente, Napoleão jurou perseguir a tribo assassina pelo deserto, acabando com a sua raça. Os xeques locais riram e perguntaram: “O homem morto era seu primo?”²³. Ao que Napoleão respondeu: “Ele era mais que meu primo; todos sob o meu governo são meus filhos. O poder me foi dado apenas para assegurar

a segurança deles.” Napoleão lembrou que, ao ouvirem essas palavras, os xeques abaixaram a cabeça e disseram: “Oh, muito bem. Você falou como o Profeta.”

Os acadêmicos se davam melhor com os árabes do que o general e o exército francês, porque tendiam a se associar aos civis egípcios como iguais ou, no mínimo, como consumidores e não como invasores. Eles contratavam *fellabin* (camponeses) para fazer o trabalho doméstico, compravam alimentos, cavalos e equipamento dos mercadores árabes e desenvolveram uma relação de respeito com os acadêmicos religiosos.

Os *sábios* freqüentemente convidavam os líderes religiosos do Cairo para irem ao Instituto, onde Berthollet e Geoffroy Saint-Hilaire os entretinham com experiências com eletricidade, química e dissecações. Impassíveis, os egípcios sempre se sentavam diante da mágica científica, apesar de reagirem com horror quando recebiam pequenos choques. Ainda que o desinteresse dos árabes deixasse os cientistas desapontados, eles não desistiam. Se os árabes se incomodavam com o domínio das forças francesas, com certeza ficariam perplexos e inseguros com homens voando. Em seus primeiros meses no Cairo, Conté fabricou dois balões de ar quente que, na esperança de impressionar a população, mandou pelos ares com muita ostentação. O primeiro balão foi lançado na época do aniversário da Revolução Francesa, um mês depois da chegada dos franceses ao Cairo. O balão era enorme – tinha doze metros de diâmetro –, mas, por ser feito de papel, logo se rasgou e pegou fogo. Quando os egípcios viram a engenhoca cair em chamas, correram como loucos, convencidos de que o balão era uma máquina de guerra.

Conté não se deixou deter. Em dezembro de 1798, lançou seu segundo balão de ar quente no centro do Cairo para celebrar o aniversário da Batalha de Rivoli, um dos sucessos de Napoleão na Itália. Esse balão era feito de lona e ainda maior do que o primeiro. Ele subiu, flutuou e pousou sem incidentes, mas dessa vez os habitantes, desde os mais educados religiosos até o mais pobre *fellah*, não se mostraram surpresos. Algumas pessoas até mesmo cruzaram a praça sem olhar para o balão uma única vez.

Jabarti registrou a opinião dos árabes quanto a essa demonstração específica da ciência francesa: “O que eles prometeram não aconteceu. Afirmavam

que, graças às maravilhas da tecnologia, um tipo de navio viajaria pelo ar. Na verdade, não vimos mais do que uma pipa como as que os criados costumam fazer nos feriados e nas festividades públicas”²⁴.

Apesar de os teólogos árabes não terem deixado transparecer, Jabarti admitiu que eles admirassem os métodos dos cientistas e até mesmo seu materialismo e reivindicações extravagantes. “Também nos mostraram outros tipos de experiências”²⁵, ele escreveu, descrevendo demonstrações com eletricidade e processos químicos, “todos tão extraordinários quanto o primeiro, coisas que inteligências como as nossas não poderiam criar ou explicar”.

Mesmo que perdida há muito tempo, havia no Islã uma tradição intelectual conhecida dos acadêmicos de ambas as culturas, mas a ciência européia havia muito tempo eclipsado a sabedoria árabe. Entre os séculos VII e XII, a ciência árabe havia protegido o conhecimento clássico durante a Idade das Trevas européia, quando a praga e a guerra reduziram os europeus à subsistência e à irracionalidade. Durante esse período, os árabes traduziram e aprimoraram teorias gregas, além de terem produzido muitos grandes pensadores, inclusive o filósofo médico Avicena (ou Ibn Sina) e o cientista Al-Razi, que definiu os fundamentos da química moderna em seu laboratório. Eles eram bem-sucedidos matemáticos e não é por acaso que os numerais que usamos hoje sejam, na verdade, arábicos. Durante algum tempo, os astrônomos eram membros essenciais da corte, tanto em Bagdá quanto no Cairo. Na verdade, esses homens eram intelectuais que atuavam em todas as áreas, praticando astrologia e astronomia como ciência combinada, e algumas vezes escrevendo poesia. No Ocidente, o poeta Omar Khayyám é o mais conhecido entre esses astrônomos-poetas.

Por volta de 1798, no entanto, a ciência árabe já caíra, há muito, em declínio, chegando ao ponto onde apenas textos religiosos eram considerados merecedores de estudos sérios. Além de alarmar os religiosos eruditos do Cairo, o corpo de cientistas europeus aguçava sua curiosidade. Apesar de, no geral, Jabarti não ter os franceses em alta conta, deixou-se impressionar pela biblioteca dos cientistas e por sua atitude aberta e generosa com relação ao conhecimento. “Os franceses montaram uma enorme biblioteca com vários bibliotecários que cuidavam dos livros

que, graças às maravilhas da tecnologia, um tipo de navio viajaria pelo ar. Na verdade, não vimos mais do que uma pipa como as que os criados costumam fazer nos feriados e nas festividades públicas”²⁴.

Apesar de os teólogos árabes não terem deixado transparecer, Jabarti admitiu que eles admirassem os métodos dos cientistas e até mesmo seu materialismo e reivindicações extravagantes. “Também nos mostraram outros tipos de experiências”²⁵, ele escreveu, descrevendo demonstrações com eletricidade e processos químicos, “todos tão extraordinários quanto o primeiro, coisas que inteligências como as nossas não poderiam criar ou explicar”.

Mesmo que perdida há muito tempo, havia no Islã uma tradição intelectual conhecida dos acadêmicos de ambas as culturas, mas a ciência européia havia muito tempo eclipsado a sabedoria árabe. Entre os séculos VII e XII, a ciência árabe havia protegido o conhecimento clássico durante a Idade das Trevas européia, quando a praga e a guerra reduziram os europeus à subsistência e à irracionalidade. Durante esse período, os árabes traduziram e aprimoraram teorias gregas, além de terem produzido muitos grandes pensadores, inclusive o filósofo médico Avicena (ou Ibn Sina) e o cientista Al-Razi, que definiu os fundamentos da química moderna em seu laboratório. Eles eram bem-sucedidos matemáticos e não é por acaso que os numerais que usamos hoje sejam, na verdade, arábicos. Durante algum tempo, os astrônomos eram membros essenciais da corte, tanto em Bagdá quanto no Cairo. Na verdade, esses homens eram intelectuais que atuavam em todas as áreas, praticando astrologia e astronomia como ciência combinada, e algumas vezes escrevendo poesia. No Ocidente, o poeta Omar Khayyám é o mais conhecido entre esses astrônomos-poetas.

Por volta de 1798, no entanto, a ciência árabe já caíra, há muito, em declínio, chegando ao ponto onde apenas textos religiosos eram considerados merecedores de estudos sérios. Além de alarmar os religiosos eruditos do Cairo, o corpo de cientistas europeus aguçava sua curiosidade. Apesar de, no geral, Jabarti não ter os franceses em alta conta, deixou-se impressionar pela biblioteca dos cientistas e por sua atitude aberta e generosa com relação ao conhecimento. “Os franceses montaram uma enorme biblioteca com vários bibliotecários que cuidavam dos livros

e os entregavam aos leitores que precisavam deles”²⁶, escreveu Jabarti. “Quando um muçulmano queria visitar o estabelecimento, ao invés de ser impedido, era muito bem-vindo. Os franceses ficavam extremamente felizes quando um visitante muçulmano se mostrava interessado nas ciências. Eu mesmo tive várias oportunidades de visitar a biblioteca.”

Vinte anos depois, Napoleão escreveu que os egípcios passaram a gostar dos *sábios*. “A população nativa [no início] pensou que estavam fabricando ouro”²⁷. Entretanto, aos poucos, à medida que os cientistas começaram a trabalhar tanto com os notáveis como com os trabalhadores comuns, ensinando-lhes os princípios da mecânica e da química no processo de construção de estradas e outros desenvolvimentos civis, os egípcios passaram a ter grande consideração pelos *sábios*.

É possível que os habitantes locais se mostrassem indiferentes quanto à ciência e tecnologia européias, mas ficavam claramente chocados e ofendidos com alguns dos costumes franceses, principalmente a atitude dos homens com relação às mulheres. Esse aspecto específico do choque cultural jamais acontecera e afetava os dois lados. Através dos séculos, o Islã havia desenvolvido uma atitude bastante restritiva quanto às mulheres, entre as quais a maior virtude era a modéstia. Mesmo as mais influentes mulheres muçulmanas estavam sempre reclusas e com o rosto coberto. Quando os franceses chegaram ao Egito, havia entre eles várias centenas de esposas de oficiais e companheiras de soldados, mulheres que andavam ao lado de homens livremente pelas ruas e que nunca cobriam as cabeças. As francesas passeavam pelo Cairo montando jumentos, vestindo roupas provocantes, rindo e conversando com qualquer um que encontrassem – árabe ou francês, homem ou mulher. Algumas mulheres árabes começaram a imitar o costume europeu de agir e vestir, mas sua demonstração de independência durou apenas enquanto os franceses dominaram o Egito. Assim que partiram, seus líderes religiosos publicamente decapitaram algumas dessas almas rebeldes para servirem de exemplo às suas irmãs mais teimosas.

Os franceses, por seu lado, ficaram pasmados ao descobrir que os habitantes locais, apesar de toda a sua modéstia, podiam se mostrar bastante obscenos, especialmente durante os festivais. O cronista militar francês Bernoyer escreveu sobre uma mulher que observou, cruzando

a cidade, completamente nua, sobre um magnífico cavalo. Mesmo que aparentasse cerca de sessenta anos e tivesse os peitos caídos sobre a sela, Bernoyer a achou bastante atraente. “Sua figura era distinta e atraente; ela deve ter sido muito bonita quando jovem”²⁸, ele escreveu. “Seus cabelos grisalhos combinavam com os pêlos do cavalo, que era lentamente puxado por um escravo que segurava as rédeas.” Entorpecido e pasmado, Bernoyer assistia enquanto as pessoas, uma a uma, se aproximavam da mulher nua e tocavam suas nádegas com as pontas dos dedos, em atitude de profunda reverência. “Sem o meu intérprete, eu fiquei sem saber as virtudes das nádegas da mulher!”

Em seu último livro, os acadêmicos relataram o que chamavam de “*bizarre jouissances*” – estranhos prazeres sensuais – dos egípcios. O jovem engenheiro Jomard testemunhou uma cena ainda mais lasciva envolvendo um dos chamados *santons* – místicos muçulmanos. “A eles, tudo é permitido”²⁹, escreveu no livro *Description de L’Egypte*. “Podem fazer o que bem entendem. Um *santon*, que fora supostamente inspirado por Maomé, tinha o hábito de andar pela cidade completamente nu. As mulheres que o viam não desviavam o olhar, mas paravam para lhe beijar a mão.” Jomard ouviu contar de um *santon* que “revirou” uma mulher (*renverser* – possivelmente um eufemismo empregado por Jomard para “fazer sexo”) no meio de uma rua populosa. Outra mulher que passava tirou seu véu e cobriu o casal. A primeira mulher provocou as pessoas, dizendo que o homem santo havia sido trazido até ela por inspiração do Profeta, e que daquela união nasceria um crente.

No final de outubro, a ilusão de uma co-existência pacífica entre franceses e egípcios se diluiu em uma única manhã. Furiosos com várias exigências francesas, principalmente um novo e pesado imposto criado para compensar a fortuna perdida na baía de Abukir, os habitantes do Cairo se revoltaram numa demonstração instigada pelos líderes religiosos. O centro da insurreição foi a enorme mesquita e centro teológico Al Azhar, o bastião de mármore branco e preto construído em 968. Com sua ampla área e seus três minaretes – um dedicado Shi’a, um a Sunni e outro à paz entre as duas seitas muçulmanas – o complexo domina, até hoje, o centro da cidade do Cairo. Três mil estudantes e xeques estudavam

nesse santuário com suas elegantes fileiras de colunas e nichos de prece de ladrilhos azuis, cujos intrincados padrões geométricos misteriosamente sugerem um conhecimento anterior das partículas atômicas.

Na manhã de 21 de outubro, agindo sob o comando dos teólogos, os muezins começaram a fazer seu chamado de uma centena de minaretes pela cidade, pedindo aos fiéis que tomassem as armas para expulsar os franceses. Como recontou um dos observadores, um escritor conhecido como Nicholas, o turco, os franceses não tinham consciência da raiva contida da população, coisa que os teólogos sabiam. "Um belo dia, algum xeque de Al Azhar começou a correr pelas ruas gritando, 'Todos os que acreditam haver um único Deus devem se dirigir à mesquita de Al Azhar! Hoje é o dia de lutar contra os infiéis'"³⁰. Em poucos minutos, havia multidões correndo pelas ruas, munidos de pedaços de pau e espadas, em cenas que com certeza faziam lembrar aos franceses a Paris de 1789. Mesmo assim, Napoleão inicialmente não deu atenção ao fato. Depois de colocar suas tropas em alerta, ele deixou a cidade para inspecionar algumas fortificações. Duas horas depois, retornou para encontrar um de seus generais morto e as ruas cobertas por pilhas de cadáveres.

O Instituto dos acadêmicos ficava a uma milha distante do quartel-general de Napoleão e os cientistas não tinham outra escolha além de montar sua própria defesa. Enquanto a multidão se avolumava do lado de fora dos muros do complexo, cantando e atirando pedras, do lado de dentro os acadêmicos discordavam sobre o melhor caminho a seguir. Alguns viam uma oportunidade para escapar e estavam prontos para correr, mas Monge assumiu o controle da situação e fez com que se sentissem envergonhados. "Vocês teriam coragem de abandonar os instrumentos científicos sob nossa responsabilidade?"³¹, gritou. Ninguém se atreveu.

Dentro dos muros, mais de cem civis em pânico, literalmente ignorantes de qualquer tipo de estratégia militar, se preparavam para defender a si mesmos e os instrumentos científicos. Armaram-se de facas e pedaços de pau e, destruindo o terraço, coletaram ladrilhos para atirar nos atacantes. O pandemônio criado passou por estratégia defensiva. "Cada um tinha seu próprio plano, mas ninguém obedecia a ninguém", escreveu Denon, depois de algum tempo. Alguns imploravam a Dolomieu

que, como antigo Cavaleiro de Malta, assumisse o comando, mas ele se recusou.

Um pequeno grupo de engenheiros que se alojou num palácio contíguo foi morto em poucas horas. A multidão derrubou parte do muro e massacrou os habitantes, inclusive o cartógrafo-chefe, responsável pelo mapeamento do Egito, D. Testevuide (nenhum dos documentos primários fornece seu primeiro nome completo), correrá até o prédio para tentar salvar instrumentos matemáticos e astronômicos, que acabaram sendo destruídos pelos saqueadores. Em seguida, jogaram os cadáveres dos engenheiros aos cães de rua (que aparentemente ainda existiam), depois de aniquilarem grande quantidade de equipamento científico.

A insurreição durou dois dias e duas noites, mas os cientistas conseguiram proteger-se no complexo. Assim que foi capaz, Napoleão enviou ajuda aos acadêmicos, armando-os com quarenta espingardas e 1.200 cartuchos.

Antes que a rebelião fosse debelada com o bombardeio massivo do Cairo e Al Azhar, processo que tirou a vida de 2 mil egípcios, duzentos soldados franceses morreram. “Foi um bombardeio tão terrível que os habitantes da cidade, que nunca tinham presenciado tal coisa, começaram a chorar e a orar aos céus por proteção”, escreveu Jabarti. “Os rebeldes cessaram fogo, mas os franceses continuaram a lançar granadas. Residências, lojas, palácios, pensões – tudo desmoronou. Nossos ouvidos ensurdeceram com o barulho das armas. As pessoas abandonaram suas casas e as ruas para se esconderem em buracos.”

O primeiro soldado francês a entrar no complexo de Al Azhar e esmagar o centro da insurgência foi o general Thomas-Alexandre Dumas, que entrou no santuário montado num cavalo cujas narinas estavam cobertas de sangue, balançando um sabre acima da cabeça e parecendo uma aparição bíblica. “O anjo! O anjo!”³², gritaram os árabes que fugiam, de acordo com Alexandre, filho do romancista Dumas.

O general Dumas, bastardo de raça mista, filho de um marquês francês e sua amante caribenha, nasceu em São Domingo e tornou-se um dos maiores guerreiros de Napoleão. De cabelos negros e um físico hercúleo, inspirou lendas com seus feitos. Algumas vezes, Dumas entretinha seus

amigos colocando quatro mosquetes de infantaria no chão e enfiando um dedo em cada boca de cano e levantando-os simultaneamente até a altura do ombro. Quando ainda jovem e freqüentando a escola de cavalaria, ele era supostamente capaz de, apoiado em apenas um estribo, agarrar uma viga e levantar a si mesmo e seu cavalo do chão.

Guerreiro apaixonado, Dumas foi um dos primeiros homens a deixar os navios durante a chegada tempestuosa em Alexandria. Ao chegar a terra firme, ele imediatamente pegou um mosquete emprestado e avançou para o interior egípcio com um pequeno grupo de intrépidos seguidores. Mais tarde, se tornaria desgostoso com os fracassos do plano da guerra egípcia de Napoleão e foi mandado de volta à França mais cedo, em um navio que naufragou próximo a Taranto, na Itália, onde foi capturado e preso por vários meses. Quando Dumas finalmente retornou à França, seu contrato militar não mais foi renovado.

Uma vez que seus soldados tenham conseguido restaurar a ordem no Cairo, Napoleão puniu alguns rebeldes sobreviventes com decapitação pública. Muitos franceses, até mesmo o humanista Denon, reclamaram que o general fora muito clemente no julgamento dos culpados e que um número maior de egípcios deveria ter sido executado como lição para futuras rebeliões organizadas pelos líderes religiosos. Na verdade, a insurgência nunca seria completamente extinta e outra rebelião, maior e mais longa, estava por vir.

Terminada a insurreição, os soldados franceses pilharam e profanaram Al Azhar, uma ofensa profunda aos egípcios e aos muçulmanos em geral. Essa vasta estrutura de mármore, listrada de branco e preto, cujo complexo possuía vários acres no meio da cidade, não era apenas a maior mesquita, era também a mais venerada instituição educacional religiosa em todo o Islã. Como parte de sua vingança, Napoleão permitiu que seus cavalos fossem alojados dentro do pátio da mesquita, uma ofensa terrível e imperdoável. Jabarti descreveu o ultraje final: "Eles trataram os livros e volumes do Corão como lixo, atirando-os ao chão, pisando sobre eles com seus pés e botas. Emporcalharam a mesquita, cuspidando, urinando e defecando nela. Embebedavam-se de vinho e esmigalhavam as garrafas no centro do pátio central"³³. Jabarti chamou-os de "anfitriões de Satã".

Ao final de tudo, os acadêmicos do *foyer des lumières* não puderam fazer muita coisa além de montar uma equipe de limpeza. Um grupo de cientistas dirigiu-se à mesquita e resgatou das ruínas alguns manuscritos, inclusive uma cópia antiga do Corão, totalmente escrita em pele de camelo. Não se sabe se foram devolvidos aos donos originais ou passaram a integrar a coleção de curiosidades dos cientistas. Geoffroy Saint-Hilaire admitiu, durante o saque, ter se apossado de uma cópia antiga e anotada do Corão.